

Economia e espiritualidade: por um outro mundo mais justo e sustentável

Jung Mo SUNG

1. Um outro sistema econômico é possível e necessário.

A princípio, sempre podemos e devemos afirmar que um outro mundo e um outro sistema econômico são possíveis. Podemos afirmar, pois isso é um fato histórico e social na medida em que todas as formas de sociedades e economias, como todas as instituições humanas, são situadas historicamente e têm início e fim. Além de ser uma constatação factual, devemos sempre anunciar que um outro mundo é possível, pois esquecer isso significa absolutizar o sistema vigente. E sistemas sociais que são tratados ou se afirmam como absolutos - dizendo que não há alternativa a elas - convertem-se em ídolos e exigem sempre sacrifícios de vidas humanas.

O dever de anunciar e lutar por um outro mundo não nasce somente dessa posição filosófica ou teológica de negar o caráter absoluto do mundo atual, mas principalmente das graves crises sociais (miséria, desemprego estrutural, exclusão social, violência, etc) e da crise ambiental geradas pelo atual modelo de globalização econômica. O atual sistema econômico-social é injusto e insustentável.

É insustentável porque o crescimento econômico do atual modelo de globalização necessita que o padrão de consumo dos países ricos seja introduzido cada vez mais por todo o mundo, homogeneizando o estilo de vida e desejos de consumo. É essa homogeneização do padrão de consumo e das relações sociais que permite a produção em escala global e o mercado consumidor global, sem os quais as grandes corporações transnacionais perderiam a sua vantagem competitiva. Essa expansão se legitima sob o mito do progresso econômico que diz que não há limites para o crescimento econômico, que esse crescimento pode e deve ser imitado por todo o mundo e que há uma harmonia entre o progresso técnico, crescimento econômico e o desenvolvimento da humanidade. Em outras palavras, quanto mais crescimento econômico e mais consumo, mais desenvolvimento humano e realização do ser humano.

Esse mito central e fundante do mundo moderno não está presente somente nos livros ou nos discursos ideológicos, mas também no cotidiano das pessoas integradas nessa economia e nessa cultura. Tomemos como exemplo o depoimento de uma ex-diretora da Coca-Cola no Brasil, Marilene Pereira Lopes, de 51 anos: "Na noite de 17 de maio de 2001 dormi pensando na agenda pesada que teria de enfrentar no dia seguinte. Quando acordei não estava sentindo meu braço. (...) Durante a madrugada tinha sofrido um acidente vascular no lado esquerdo do cérebro. (...) As pessoas acreditam que, se as coisas vão bem no trabalho, se a vida profissional está em ascensão, todo o resto ficará bem. Foi preciso passar por um drama para perceber que isso não é verdade. Aos poucos voltei a falar, ainda que com dificuldade. Resolvi pedir demissão e fazer uma revisão da minha vida." 1

Não somente o corpo humano tem limites, como a própria natureza possui limites que não possibilitam a universalização do padrão de consumo da elite dos países ricos. Na verdade, essa obsessão por mais crescimento econômico e mais consumo é um das causas principais da crise ambiental. Além disso, as elites e os setores médios dos países pobres só conseguem realizar o seu desejo de imitar o padrão de consumo das elites dos países ricos na medida em que aumentam a taxa de exploração sobre os mais pobres e diminuem gastos nas áreas sociais, gerando uma divisão no interior do país entre os incluídos nesse novo mercado global e os excluídos. Na medida em que a pressão da economia capitalista global e os desejos de imitação do padrão de consumo empurram os processos econômicos e sociais nessa direção da homogeneização do padrão de consumo e a busca frenética de mais consumo, as crises sociais e ambientais se agravam.

É claro que, diante dessa crise, surgem muitos ideólogos do capitalismo anunciando que o progresso contínuo da ciência e da tecnologia será capaz de superar os limites da natureza e que o mercado livre será capaz de superar essas crises sociais. Eles anunciam uma fé cega na ciência, na tecnologia e no mercado para tentar esconder ou desviar a atenção dos sofrimentos de bilhões de pessoas e da destruição do nosso meio ambiente. As mortes de espécies inteiras e de milhões de pessoas seriam os sacrifícios necessários para o crescimento econômico que possibilitaria a realização do desejo de consumo ilimitado.

Em resumo, o atual sistema econômico capitalista não é somente injusto mas é também econômica, social e ambientalmente insustentável. Diante dessa situação, cabe à teologia e aos grupos religiosos contribuírem a partir da sua especificidade da teologia e da religião. Isto é, podemos e devemos contribuir criticando a absolutização do mercado capitalista, a idolatria do mercado, e o mito do progresso que exigem e justificam sacrifícios de vidas humanas e do meio ambiente; além de criticar esse desejo obsessivo de consumo que nasce da ilusão de que é a imitação dos padrões de consumo da elite que nos torna melhores seres humanos.

2. A utopia e o mundo possível.

O dever ético e profético de denunciar as injustiças e opressões e anunciar um outro mundo nasce também do nosso desejo de vivermos em um mundo mais justo e melhor para todos/as. Entretanto, devemos ter claro que nem todos os mundos que desejamos são possíveis. Isto é, um outro mundo desejado não significa que será possível só pelo fato de que o desejamos, pois nós seres humanos somos capazes de desejarmos coisas que estão além das nossas possibilidades. Entretanto, utopias - essas imaginações de um mundo "perfeito", mas impossível - são necessárias para que possamos ter um horizonte de sentido que nos permite criticar o mundo atual e nos possibilita também fazer projetos alternativos de sociedade.

Por mais que desejemos que o nosso desejo utópico se realize, precisamos ter o realismo histórico para percebermos os limites da condição humana e da natureza e lutarmos por projetos históricos factíveis. Quem luta por realizar desejos impossíveis comete erros que não lhe permitem construir um projeto alternativo possível. 3

Esse reconhecimento dos limites da história e da condição humana não é algo fácil para nós, pois implica em desistirmos dos nossos sonhos mais belos de um mundo liberto de toda injustiça e opressão, um mundo sem vítimas. A existência de vítimas é o ponto de partida de todo

profetismo e o critério para criticarmos todas as normas e sistemas sociais, mas - como diz E. Dussel - , "a vítima é inevitável. Sua inevitabilidade deriva do fato de que é impossível empiricamente que uma norma, ato, instituição ou sistema de eticidade sejam perfeitos em sua vigência e conseqüências. É empiricamente impossível um sistema perfeito". Essa impossibilidade se deriva do fato de que não podemos conhecer perfeita e plenamente todos os fatores que compõem a natureza e a vida social, nem possuímos velocidade infinita para gerir de modo perfeito esse sistema. Porque a vítima é inevitável, a ação profética é e sempre será necessária.

Alguns cristãos poderiam recorrer à narrativa do Êxodo para fundamentar a sua esperança na libertação dos pobres e de todos os oprimidos no interior da história. Porém, não podemos nos esquecer que o Êxodo não significou o fim das vítimas na história de Israel, e que a fé na ressurreição de Jesus, o messias derrotado e morto na cruz, levou as primeiras comunidades cristãs a tomarem a consciência de que o Reino de Deus não se realiza plenamente na história, que ele só nos aparece por meio de sinais antecipatórios.

3. Sustentabilidade econômica, social e ambiental

Para que um outro mundo desejado seja possível, é necessário que esta nova sociedade seja econômica, social e ambientalmente sustentável. O seu sistema econômico deve ser capaz de produzir acima do limite mínimo das necessidades básicas de toda população e de repor os meios de produção que vão se desgastando, além de investimentos necessários para acolher as novas gerações. Um sistema econômico que seja prazeroso, justo e livre, mas incapaz de satisfazer essas condições mínimas não sobreviverá por muito tempo. Além disso, é preciso que os diversos processos de produção se articulem entre si e formem um sistema. Em outras palavras, é preciso que haja um sistema de coordenação da divisão social do trabalho que seja eficiente na articulação dos inúmeros fatores e processos que a constituem. Por ex., a articulação da produção dos insumos necessários e os recursos naturais e tecnologia existentes, sistema de produção das unidades produtivas (empresas privadas, comunitárias ou estatais, cooperativas, etc.) e necessidades e desejos das pessoas. Um sistema que responda, com eficiência e justiça social, à pergunta: o quê, quanto, como e para quem produzir? No atual modelo de capitalismo, o mercado é o principal e quase único coordenador (que se mostra injusto e insustentável); enquanto no modelo de socialismo soviético era o planejamento centralizado, que se mostrou ineficiente. Nós não sabemos ainda como deve ser concretamente o novo tipo de coordenação da divisão social do trabalho, mas provavelmente deverá ser uma articulação entre o mercado, a regulação governamental (planejamentos visando metas econômicas e sociais) e ações da sociedade civil (por exemplo, as lutas dos ambientalistas, das ONGs, pelos direitos dos consumidores).

Uma sociedade só se reproduz satisfatoriamente na medida em que as suas relações e instituições sociais também sejam sustentáveis. Isto é, a forma como se organiza precisa manter o tecido social intacto. Para isso, a produção, a distribuição e o consumo dos bens econômicos devem atender adequadamente as necessidades e desejos da população, ou pelo menos uma grande parte dela. É preciso também que haja uma convergência cultural e uma espiritualidade que transforme uma multidão de indivíduos em uma sociedade, onde cada indivíduo se sinta participante ou membro dela. Além disso, uma sociedade relativamente estável não é possível sem a existência de símbolos, ritos e mitos que atraíam e façam convergir os desejos erráticos dos indivíduos. No capitalismo atual, o principal agente de convergência desses desejos é o mercado - especialmente através das propagandas e dos meios de comunicação social de massa - que reduz ou direciona quase todos os desejos para o desejo de consumo e objetos de desejo à mercadoria.

As sustentabilidades econômica e social estão articuladas entre si e também com a sustentabilidade ambiental. Os seres vivos se mantêm vivos na medida em que interagem com o seu meio ambiente e dele retira os elementos necessários para a sua sobrevivência. Nessa interação o conjunto de seres vivos modifica o ambiente, o que os leva a modificar também a sua forma de interação. Problema ambiental surge quando ocorre um desastre "natural" - como a queda de um grande meteoro - ou quando uma espécie, como a espécie humana, possui capacidade de destruir o ambiente. E destruir o seu ambiente é cometer suicídio. Retirar recursos naturais do ambiente a uma velocidade maior do que a capacidade de regeneração do meio ambiente é comprometer a possibilidade de sobrevivência, especialmente das futuras gerações. E a pressa atual para retirar os recursos da natureza vem, em grande parte, da obsessão por mais consumo.

4. Desenvolvimento sustentável e as necessidades humanas

Na luta pela criação de uma sociedade mais justa e sustentável social e ambientalmente, o tema da satisfação das necessidades básicas dos pobres ocupa um lugar central. Pois nenhuma sociedade pode ser considerada justa e socialmente sustentável se uma parte importante da população não consegue satisfazer as suas necessidades básicas. Entretanto, a definição do que é a necessidade não é algo tão simples. Para analisarmos essa questão, vamos tomar um texto da Comissão Mundial Sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento:

Satisfazer as necessidades e as aspirações humanas é o principal objetivo do desenvolvimento. [...] Para que haja um desenvolvimento sustentável, é preciso que todos tenham atendidas as suas necessidades básicas e lhes sejam proporcionadas oportunidades de concretizar suas aspirações a uma vida melhor.

Padrões de vida que estejam além do mínimo básico só são sustentáveis se os padrões gerais de consumo tiverem por objetivo alcançar o desenvolvimento sustentável a longo prazo. Mesmo assim, muitos de nós vivemos acima dos meios ecológicos do mundo, como demonstra, por exemplo, o uso das energias. As necessidades são determinadas social e culturalmente, e o desenvolvimento sustentável requer a promoção de valores que mantenham os padrões de consumo dentro do limite das possibilidades ecológicas a que todos podem, de modo razoável, aspirar. 5

Este texto nos apresenta duas noções de necessidade: a) necessidades básicas entendidas como o mínimo básico para a reprodução da vida corporal, tais como consumo de uma quantidade mínima de calorias, moradia, saúde - a noção que é a mais usada nos movimentos sociais e Igrejas que lutam pela satisfação das necessidades de todas as pessoas; b) necessidades determinadas social e culturalmente.

Na primeira noção de necessidade, a de mínimo básico para a reprodução da vida corporal, temos a imagem de um ser humano enfrentando as suas necessidades orgânicas sem levar em consideração as relações sociais e aspectos culturais da sua existência. Na segunda, o ser humano é visto como um ser em relação aos outros de tal maneira que suas próprias necessidades não são mais determinadas somente por seu corpo mas pela cultura e relações sociais nas quais ele vive. Ora, o texto diz, corretamente, que a finalidade do desenvolvimento é, ou deveria ser, a satisfação das necessidades de todas as pessoas e possibilitar oportunidades da realização das aspirações humanas. Nesse caso, o desenvolvimento não pode satisfazer somente as necessidades fisiológicas do ser humano, pois ele é basicamente um ser social e cultural, e é dentro de uma cultura que ele pode expressar e tentar realizar as suas aspirações. Além disso, o problema da sustentabilidade só aparece em

referência às necessidades determinadas pela cultura, pois são elas que estão acima da linha do mínimo básico para sobrevivência e podem criar problemas sociais e ambientais.

O ser humano é um ser que necessita, além desses bens materiais básicos, ser reconhecido por outras pessoas e pertencer a um grupo social. O desejo de ser reconhecido como pessoa e de pertencer a um determinado grupo é quase tão necessário para ser humano como a comida e a bebida. É claro que a satisfação das necessidades corporais, como matar a fome e a sede, é a condição sine qua non para que uma pessoa possa continuar viva e continuar desejando ser reconhecida e pertencer a uma comunidade. Entretanto, se uma pessoa perde o desejo de viver porque se sente totalmente rejeitada por todos e não pertencendo a nenhum grupo, mesmo que seja a uma comunidade "virtual", ela não necessita mais de comida e de bebida, pois o que agora deseja é morrer.

A relação entre necessidade fisiológica ou orgânica, necessidade determinada culturalmente e desejo é uma relação não-linear e complexa. Isto é, entre elas não há uma relação de hierarquia linear, onde na base estariam as necessidades orgânicas, e após a satisfação delas viriam as necessidades culturalmente determinadas e por fim os desejos pessoais. O ser humano é movido ou atraído pelo desejo, e na busca da realização do desejo deve satisfazer as suas necessidades orgânicas e culturais.

Na nossa cultura de consumo, para que uma pessoa seja reconhecido por um determinado grupo social é necessário que ela tenha um determinado padrão de consumo desejado e exigido pelo grupo. Como dizem os estudiosos da cultura contemporânea, a identidade da pessoa e do grupo está intimamente ligada ao padrão de consumo. "Diga o que consome, e direi quem tu és". Quanto mais alto o padrão de consumo, mais parece possuir o "ser". Razão pela qual muitas pessoas desejam possuir carros de centenas de milhares de dólares ou comprar um vidro de perfume de US\$ 35.000,00. E muitos não-ricos e pobres se sentem menos ser humano porque não satisfazem a necessidade cultural de consumir determinadas mercadorias e marcas famosas. Ricos querem consumir cada vez mais bens que os colocam como "superiores", classes médias e pobres desejam imitar o padrão de consumo da classe acima, e as crises sociais e ambientais se agravam.

Sem valores culturais e espirituais diferentes, sem desejos diferentes que modifiquem as atuais necessidades cultural e socialmente determinadas, não é possível um outro mundo com um desenvolvimento sustentável mais justo e humano.

5. Espiritualidade e a condição humana

Para superarmos a crise do atual mundo e construirmos um outro mundo sustentável e mais justo, é preciso que as pessoas assimilem a noção de sustentabilidade e que ela faça parte do seu cotidiano e da forma como lidam com os seus desejos. A noção de sustentabilidade implica na noção de limite, tanto em termos da condição humana, como do tecido social e do ambiente, e implica também na impossibilidade da construção de uma ordem social onde todas as pessoas viveriam em harmonia perfeita com a natureza e entre si. Isto é, a noção de sustentabilidade implica que só poderemos ter um mundo melhor se abdicarmos do projeto de construir um mundo "perfeito".

Este é um paradoxo espiritual e social muito importante: nós só podemos nos tornar pessoas melhores se admitirmos que nunca nos tornaremos plenamente santos ou perfeitos. É a aceitação existencial da nossa condição de seres ambíguos que nos torna melhores. Razão pela qual o perdão, a misericórdia e a compaixão são elementos centrais da espiritualidade do Evangelho. Assim também, só podemos construir um mundo melhor e sustentável se assumirmos que não podemos construir nenhum mundo de plenitude, seja ele de consumo ilimitado, de justiça perfeita ou de harmonia perfeita entre seres humanos e a natureza.

Só assim podemos superar o mito central e fundante da modernidade: que o progresso da ciência e do ser humano nos levará a um mundo pleno e perfeito. Esse mito é, no fundo, uma rebelião contra a condição humana. É a expressão do desejo de nós, seres humanos, nos tornarmos construtores de um mundo liberto das ambigüidades da nossa condição humana, até mesmo da própria morte. Os atuais mitos sobre o futuro da engenharia genética, por ex., não são nada mais do que expressões dessa rebelião e do desejo de nos tornarmos seres pós-humanos.

Quando propomos ou desejamos a construção de um mundo sem vítimas ou conflitos, estamos, no fundo, compartilhando as mesmas bases e ilusões desse mito da modernidade. E no interior dessas ilusões não há possibilidade histórica de um outro mundo sustentável e mais justo.

Eu penso que uma verdadeira ruptura com os mitos fundantes da modernidade não se dá só com a revolta frente ao capitalismo. É preciso uma verdadeira "revolução espiritual". O abandono de uma espiritualidade - religiosa ou secular - que busca sair da condição humana para chegar a uma situação supra-humana, de plenitude e segurança absoluta, para uma espiritualidade vivida como um caminho que nos leva a descobrirmos a nossa condição humana e a nos reconciliarmos com ela. Essa reconciliação nos permite e ao mesmo tempo se dá na medida em que compartilhamos com outras pessoas e grupos os sofrimentos, medos e inseguranças (compaixão), e também as esperanças, lutas e alegrias (solidariedade). Sem o encontro com as pessoas que sofrem, o encontro que se dá na compaixão e luta solidária, não há o encontro comigo mesmo e com o Espírito que sopra no meio de nós, e sem esses encontros não há reconciliação.

Penso também que as comunidades cristãs e das outras religiões podem e devem contribuir na gestação dessa revolução espiritual. Elas podem porque a espiritualidade é o tema específico das religiões no mundo moderno; e devem porque, se elas não fizerem, outros grupos sociais sozinhos não conseguirão levar adiante essa tarefa fundamental na gestação de um outro mundo. Sem a revolução espiritual não haverá uma verdadeira revolução econômica, pois o capitalismo é, na verdade, um sistema econômico baseado em e movido por profundas crenças espirituais, e o consumismo é uma forma de experiência religiosa do nosso cotidiano.

Um outro mundo mais justo e sustentável só se tornará real se uma parte significativa da sociedade assumir essa espiritualidade e for capaz de levar muitas outras pessoas a desejarem fazer parte da construção desse outro mundo.

Jung Mo Sung. Nasceu na Coreia do Sul, em 1957, e vive no Brasil desde 1966. Pós-doutorado em Educação e doutor em Ciências da Religião. É professor de pós-graduação em Ciências da Religião na Universidade Metodista e na Universidade Católica, em São Paulo. Faz pesquisa sobre a relação entre religião, economia e educação. Entre os seus livros, *Teologia e economia: repensando a teologia da libertação e utopias*, 1994; *Desejo, mercado e religião*, 1998; *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança (co-autoria com Hugo Assmann)*; e *Sujeito e sociedades complexas: para repensar os horizontes utópicos*, 2002; **todos pela Ed. Vozes. E-mail: jungmosung@uol.com.br**